

# JUPIRA<sup>1</sup>

Bernardo Guimarães



## CAPÍTULO I

[203]<sup>2</sup> Jupira está sentada à sombra de uma canjerana ainda nova, de folhagem mui viçosa e cerrada, que dava fresquíssima sombra. Estava tecendo um cabaz de palhas de buriti, enquanto sua mãe, índia algum tanto idosa, a alguns passos de distância, moqueava um gordo e grande tiú.

Era isto à margem do Rio Grande de Minas Gerais, algumas léguas acima das paragens onde ele, reunindo-se ao Parnaíba, toma o nome de Paraná.

Como a pequena árvore, que lhes prestava sombra, Jupira era também uma flor nova das [204] selvas, que apenas abria o cálice às virações do deserto; uma ainda caboclinha de treze a quatorze anos, mas de tez um pouco mais clara do que a das suas companheiras da floresta. Era no veranico de janeiro; o rio estava baixo, e na larga zona de areia, que mediava entre eles e a floresta que o bordeja, viam-se

---

<sup>1</sup> GUIMARÃES, Bernardo. Jupira. In: \_\_\_\_\_. *História e tradições da província de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1879. p. 203-280. [1872]

<sup>2</sup> Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

dispersos alguns bugres de ambos os sexos, uns pescando ou banhando-se, outros dormindo ou comendo. O sol ardentíssimo do meio-dia reverberava no seio do rio e nas areias da praia, a ponto de ofuscar as vistas; estava um calor insuportável.

Pouco abaixo daquele grupo via-se um indígena de formas truculentas e vigorosas cortando as águas em todas as direções, ora nadando com rapidez, ora boiando à flor do rio, ora sumindo-se de mergulho na profundidade dos rebojos, e era preciso olhar com muita atenção para ver que tinha em uma das mãos uma delgada linha. Ninguém diria que ele estava pescando. O índio pesca à linha os grandes peixes, quase como quem persegue um veado ou uma anta através de campos e florestas. Com um pequeno anzol ou fisga, e uma linha de tucum da grossura [205] de um fio de barbante, pescam não só os pequenos bagres e piratiningas, como os corpulentos dourados e crumatãs, e o jaú, que atinge, às vezes, o tamanho de um homem de alta estatura, e tem a força de um touro. Apenas o peixe ferra a isca, e que o índio o percebe fisgado, em vez de procurar puxá-lo à terra, salta na água e dá-lhe corda, acompanhando-o em todas as voltas que lhe apraz dar pelo rio, tenteando a corda de modo que não se quebre, como quem tempera as rédeas a um poldro bravio e fogoso. A própria força do peixe arrasta o índio e o ajuda a romper as águas sem fatigar-se muito, e assim, ora pairando à flor do rio, ora cortando-o veloz como uma seta, ora sumindo-se nos escuros abismos, o índio acompanha todos os seus movimentos, até que o peixe, extenuado de cansaço, se deixa facilmente arrastar para a praia.

Depois de ter gasto cerca de meia hora naquelas evoluções, o índio surgiu à praia agarrando pelas guelras com ambas as mãos e

arrastando a custo um enorme peixe que media a altura de seu corpo, e ainda a cauda vinha abrindo um sulco pela areia, e dirigindo-se à sombra onde se achava a linda caboclinha.

— Uff!... Jupira!... — exclamou, largando [206] o peixe e deixando-o estourar no chão; — sei que não gostas de tiú, que é o que tua mãe tem para te dar, e fui ao fundo do rio buscar esse peixe para ti; custou-me bem a arrancá-lo d'água. Fala menina, qual desses teus fracos companheiros é capaz de lutar no fundo d'água com um peixe destes?

Jupira contemplou o peixe por alguns instantes com admiração, depois olhou para o índio, fez-lhe um ligeiro gesto de agradecimento e continuou no seu serviço. O índio deitou-se de ventre sobre a areia a alguns passos de distância e fitava os olhos ardentes sobre a gentil menina. Parecia truculenta jiboia procurando fascinar com os olhos a tímida pomba, que pretende devorar.

— Então ingrata curumim, — disse o índio abanando a cabeça, — de todo modo não queres saber do infeliz Baguari?...

Por única resposta Jupira levantou-se, e levando o seu trabalho foi sentar-se por detrás de sua mãe, como para esconder-se do índio e furtar-se a seus olhares devoradores.

Baguari pôs-se em pé de um salto, arrancou do íntimo peito um gemido rouco, antes um rugido, e disse:

[207] — Jupira, olha que o canguçu quando vê a veadinha tenra pelos bosques, nunca mais lhe perde o rasto, e não descansa enquanto não lhe lança as garras. E eu sou o canguçu e tenho fome de ti!

— Baguari! — exclamou a mãe assustada por sua filha, que cada vez mais se chegava a ela; — a menina ainda é muito nova... olha

agora é que os peitos lhe vem apontando. Para que apanhar a flor que ainda não abriu, colher os favos do jataí que ainda não têm mel?... Deixa passar mais algumas luas; quando o ipê der flores outra vez, Jupira te abraçará.

— Não fale assim, minha mãe! — murmurou a menina ao ouvido de sua mãe. — Assim pudesse o ipê nunca mais dar flores!

Baguari afastou-se silencioso, e chegando ao meio do areal da praia, bateu palmas e soltou um assovio estridente como o da anta. A horda que se achava dispersa pela margem reuniu-se em torno dele. Baguari mostrou-lhes o peixe, e os selvagens, soltando alaridos de alegria, em um instante o fizeram em postas, levando cada um o seu pedaço, para se banquetearem aquela tarde.

[208] Jupira disse a sua mãe:

— Não viu aquele peixe tão grande, que Baguari matou?

— Pois não vi, minha filha?... foi para ti que ele pescou.

— Não quero do seu peixe, nem de nada que passar por suas mãos. Tenho mais medo dele do que daquele jaú, se o encontrasse no fundo d'água.

Daí a pouco a tarde trazia sombras e fresquidão por aquelas magníficas solidões e os índios, tripudiando e banqueteadando-se, com seus alaridos, faziam saltarem espantadas as feras de seus covis, e os passarinhos deixarem em sobressalto os seus abrigos de verdura.

Somente Baguari, — que cuidara nessa tarde abreviar-se de cauim e de prazer nos braços da gentil Jupira, — retirado no mais recôndito antro da floresta, arrancava rugidos de amargura e despeito.

## CAPÍTULO II

[209] Em seu lado sudoeste, a província de Minas termina em um ângulo agudo, em uma vasta nesga de terra encravada entre as províncias de Goiás e de S. Paulo, das quais a separam os dois grandes rios Parnaíba e Rio Grande, que se vão reunir na ponta do ângulo. Nessas regiões, sobre as quais a natureza parece ter entornado a flux todo o cofre de seus favores, trinta léguas, pouco mais ou menos acima da confluência dos dois rios, está situado o Seminário de Nossa Senhora Mãe dos Homens, fundado há cerca de cinquenta anos, pelos padres da Congregação da Missão de S. Vicente de Paula, em uma vasta e rica fazenda, que lhes deixou em legado um opulento fazendeiro daquelas paragens.

[210] Possui a fazenda matas na prodigiosa uberdade, pingues e magníficas pastagens, por entre os quais um caudaloso ribeirão vai sereno rolando suas águas cor de esmeralda sombreadas por duas orlas de frondoso e verde-negro arvoredado, pelo que decerto lhe deram o nome de Rio Verde. Atravessa as mais formosas e risonhas Campinas entrecortadas de viçosos capões e palmares pitorescos, e vai perder-se no Rio Grande, que passa a cinco ou seis léguas do seminário, ocultando seu curso entre gigantescas e profundas matas.

Pelas imediações do seminário, para logo se foram agregando alguns moradores, e, em torno dele, construindo-se algumas casinhas dispersas pela campina, de sorte que o lugar chamado Campo Belo, nome que perfeitamente lhe quadra, tornou-se como uma pequena aldeia.

Por aqueles sertões vagavam por esse tempo alguns restos das tribos selvagens vindas de Goiás e Mato Grosso, já algum tanto familiarizadas com a sociedade dos brancos, mas conservando ainda os hábitos selváticos e a independência da vida errante. Os padres fizeram reiterados esforços para chamá-los ao grêmio do [211] cristianismo e da vida social, doutriná-los, e utilizar seus serviços.

Os seminários de S. Vicente, porém, parece que não são dotados daquele tino e habilidade, de que dispunham os discípulos de Ignácio de Loyola para catequizar os indígenas. Por vezes conseguiram reunir alguns bandos; mas nunca que se sujeitavam por muito tempo a um trabalho contínuo e regular.

Atraídos pelo desejo de obterem algumas roupas, ferramentas, armas e enfeites, acudiam de quando em quando ao seminário; mas no fim de um a dois meses, quando se aborreciam do trabalho, entregavam-se a sua natural indolência e, se apertavam com eles, desapareciam, e internavam-se de novo pelas matas do Rio Grande, continuando sua vida nômade e selvagem.

Em um desses bandos, que se acolhiam às vezes à fazenda de Campo Belo, havia uma caboclinha nova por nome Jurema, não de todo linda, mas um pouco menos feia e mais bem feita do que as suas companheiras. José Luiz, moço branco e bem-disposto, empregado do seminário, agradou-se sumamente dela, e por tal arte soube catequizá-la, que no fim de algum [212] tempo Jurema lhe deu uma linda e viçosa filhinha.

Sabedores do fato, os padres induziram José Luiz a casar-se com a índia. Batizaram-se ao mesmo tempo a mãe e a filha, e no dia seguinte o pai e a mãe receberam-se em legítimo matrimônio. Jurema

trocou o seu nome selvático pelo de Ana, e a filha, que a mãe chamava Jupira, pelo de Maria.

Os índios não punham dificuldade alguma em se deixarem batizar, casar e receber todos os mais sacramentos da igreja; mas isso para eles era um ato sem consequência. No dia seguinte esqueciam seus novos nomes, e os esposos se separavam com a mesma facilidade com que largavam seus vestidos, para tomarem de novo a arasóia, e tornavam aos matos para serem tão bons adoradores de Tupã como d'antes.

Aconteceu, pois, que um belo dia a esposa de José Luiz anoiteceu e não amanheceu, desaparecendo com seus irmãos em Tupã, e levando consigo sua filhinha ainda de mama. José Luiz ficou sumamente aflito e magoado com o acontecimento; fez imensas diligências para apanhar ao menos a filha, pois com a mãe já [213] não contava mais, à vista de um tal procedimento.

Mas todos os seus passos foram perdidos, e depois de um ano de pesquisas e excursões pelas matas, desanimou...

As florestas são imensas, e aquela gente não tem pouso certo nem por uma semana.

Eram já passados mais de dois anos quando Jurema, sem mais cerimônia, entrou-lhe pela porta dentro, e se lhe apresentou conduzindo pela mão a pequena Jupira, e já com outro caboclinho às costas, acororado em uma pequena maca de buriti, que trazia presa à testa, como é costume entre as índias. Apareceu a seu marido sorrindo-se tranquila e fresca, como se nada houvesse acontecido, como se se tivessem separado na véspera. José Luiz ficou atônito com aquela inesperada visita; maior porém foi a sua alegria do que o seu espanto, e

deu graças ao céu, que lhe havia restituído a filha, a qual ele tratou logo de pôr em bom recato e segurança, despedindo cortesmente a mãe, que com isso não se mostrou nem de leve magoada, pois segundo as aparências, já tinha novo esposo no bando dos seus.

Receoso, José Luiz, de que sua filha não fosse [214] de novo levada para o mato por sua mãe, guardou-a com toda a cautela, confiando-a aos cuidados de uma velha parenta que era a sua caseira, e não respirou tranquilo enquanto Jurema, com todo o seu bando, não desapareceram das imediações de Campo Belo.

A menina crescia linda, engraçada e travessa como uma ariranha. Tinha muita vivacidade e penetração, mas os instintos selváticos prevaleciam nela, e foi com muita dificuldade que seu pai, no fim de sete anos, conseguiu que ela adquirisse alguns costumes de civilização, andasse vestida, cosesse, lesse e escrevesse alguma coisa. Muitas vezes a iam agarrar pelos matos quase nua, trepada como macaco nas mais altas árvores, ou nadando nos profundos remansos do Rio Verde, em risco de ser devorada por alguma sucuri.

Todavia Jupira era uma interessante menina, e pela singularidade de suas qualidades físicas e morais era o enlevo de toda aquela pequena povoação.

Andava de casa em casa, e em todas elas era mui querida e festejada. Às vezes também penetrava no seminário, e aí fazia o regalo e as delícias dos padres e dos estudantes.

[215] Quando, porém, ali se achava algum bando dos seus parentes da selva, não queria mais sair do meio deles: já lhes conhecia bem a língua, da qual já balbuciava algumas palavras, quando voltara do mato. Por isso, muitas vezes, servia de intérprete entre os índios e os

padres com sumo gosto e contentamento de todos. Somente José Luiz — e com razão — se afligia muito com isso, e não gostava nada de ver sua filha tão afeiçoada aos seus parentes do mato. Zangava-se, ralhava, castigava, mas era de balde; o pendor que a menina tinha para os seus era irresistível.

Jupira já tinha nove para dez anos quando sua mãe, depois de vagarear largos anos pelos sertões de Goiás, Pará e Mato Grosso, tornou a aparecer em Campo Belo com a horda a que pertencia. Jupira!... exclamou a índia, apenas pôs os olhos em sua filha. Esta também imediatamente reconheceu sua mãe, saltou-lhe ao colo, nunca mais quis deixá-la.

José Luiz ficou cheio de gosto e inquietação com o reaparecimento da mãe de sua filha. Desta vez redobrou de cuidados e precauções. Jupira, sem que ela soubesse, não andava sem um sentinela à vista. Era um primo seu, [216] um sobrinho de José Luiz, por nome Carlos, e a quem todos chamavam Carlito, pouco mais velho do que ela, rapazinho vivo e esperto como um diabrete. Não tendo podido parar no seminário em razão de seu gênio trêfego, indócil e insubordinado, frequentava como externo a escola de primeiras letras, onde se havia muito mal. Entretanto era excelente para servir de companheiro de brinquedos e ao mesmo tempo de sentinela a sua prima durante o dia, porque de noite dormia ela fechada debaixo de chave em companhia da velha caseira de José Luiz.

Todavia, apesar de todas essas precauções, uma bela manhã Jupira não amanheceu em casa. Tinha arranjado modos de trepar pela parede, e como a casa era de telha vã, isto é, sem forro no teto,

descobriu um pedaço de telhado, saltou fora e voou para as selvas em companhia da mãe.

### CAPÍTULO III

[217] Esta segunda fuga foi muito mais dolorosa ao coração de José Luiz do que a primeira. Já amava extremosamente sua filha, e tinha a mais terna solicitude por aquela interessante menina, cuja criação lhe tinha custado tantos cuidados e desvelos, cujo fruto em um só momento vira esvaecer-se. Era à semelhança de uma flor peregrina e rara, em cuja cultura o jardineiro se esmera com o mais desvelado amor. Um dia, porém, quando pela manhã vai visitar o tenro botão, que de dia a dia anseia por ver desabrochar em flor, acha-a cortada pela raiz por verme daninho, murcha e perdida para sempre.

José Luiz fez altas diligências para reaver sua filha, mas sempre sem resultados. Bem quisera ele para reivindicá-la armar uma bandeira [218] e levar a guerra a todas as tribos selvagens, como outrora Menelau levou toda a Grécia armada aos muros de Tróia para reconquistar a esposa, que um peralta lhe havia seduzido e roubado. Mas não lhe era isso possível, e contentava-se em dirigir súplicas ao céu, e fazer promessas a Nossa Senhora Mãe dos Homens para que lhe restituísse a filha.

Nas Selvas, Jupira cresceu linda e garbosa como a palmeira das Campinas, mas esquiva e soberba como a ema, a rainha dos chapadões. Suas graças fascinaram as vistas de todos os jovens bugres, que a seguiam, admirando-a e adorando-a como um manitó caído do céu; mas a nenhum deles foi dado colher aquela peregrina flor das

selvas. Baguari era chefe de uma forte e numerosa horda estranha. Encontrando-se com o bando de Jupira, encantado de sua beleza, abandonou os seus para segui-la.

Mas Jupira fugia dele como a tímida lontra foge do jacaré, ou como a pomba se esconde do gavião. Era a sombra de sua mãe que vinha arquejante e espantada como a caça acossada pelo jaguar, abrigar-se das perseguições do cacique. Temerosa de cair-lhe nas garras, a menina [219] mal ousava arredar alguns passos da companhia dos seus.

Os outros bugres pretendentes aos favores de Jupira, que sabiam das intenções de Baguari, furiosos de raiva e ciúme, e não ousando opor-se de viva força ao possante cacique, ainda que desejassem devorar-se uns aos outros para fazer face ao inimigo comum e mais forte, e seguiam e vigiavam por toda a parte a formosa menina a fim de obstar a que o cacique lograsse seus intentos. Assim, Jupira, sem querer e sem o pensar, tinha sempre ao pé de si uma escolta ativa e vigilante para a defender contra qualquer tentativa violenta de seu sanhudo amante, como sói acontecer entre as brutas alimárias, pouco acima dos quais se achavam aqueles selvagens na categoria dos entes. Baguari era valente e terrível; membrudo e robusto como a anta, ágil e veloz como a onça, já tinha sufocado nos braços um dos seus rivais, e traspassado o coração a outro com uma flecha, por terem ousado disputar-lhe abertamente a posse da formosa Jupira. Mas era só e detestado por todos, e eram muitos contra ele. Por isso também da parte dele havia constrangimento e receio.

[220] O tronco do ipê já se tinha de novo toucado de seus tufados cachos de flores amarelas. Baguari, que conforme a promessa

de Jurema, estava esperando com impaciência aquela quadra, foi ter com ela, e disse-lhe: — Olha, Jurema; o ipê já está florescendo. É tempo de cumprires a promessa que me fizeste, e entregar-me tua filha.

— Ah! minha mãe! minha mãe! dá-me antes a uma sucuri, — exclamou Jupira, atracando-se com a mãe.

— Jupira, — disse Jurema para sua filha, — olha que Baguari é forte e te quer muito bem. Vai com ele, minha filha.

— Se minha mãe teima, eu irei lançar-me na lagoa das sucuris, retorquiu a menina com firmeza.

A lagoa das sucuris era um banhado, que por ali havia, e onde existia enorme quantidade desses formidáveis répteis. Quem nela caía era irremissivelmente devorado pelos monstros. Jurema sabia que sua filha era bem capaz de pôr em prática a sua ameaça, e disse ao cacique:

— Estás ouvindo, Baguari? Ela não te [221] quer ainda. É que ainda não é tempo. Espera ainda, Baguari; ... mais tarde...

— Cala-te, filha de Anhangá! — bradou o índio, rugindo e batendo o pé com força — não quero mais te escutar, boicininga enganadora... ou hoje ou nunca!...

Ouvindo os gritos e vendo a atitude ameaçadora do cacique, os outros bugres, que estavam de alcateia, aproximaram-se de arco e flecha em punho, murmurando palavras de ameaça. Baguari lançou-lhes de revés um furibundo olhar, soltou um rugido de raiva e de despeito, e retirou-se vagorosamente, rosnando como um tigre enfurecido.

Vendo que nem por bem, nem por violência lhe era possível obter a posse da virgem indiana, Baguari, que não desistia de seus intentos sobre ela, recorreu às ciladas.

Jupira gostava de caçar pássaros. Com um pequeno arco e flechas proporcionais às suas forças, ela varava os jaós, inhambus, macacos, capoeiras e outras aves que abundam naquelas florestas, e abastecia de copiosa caça o rancho de seu pequeno bando. Um dia, à hora do pôr-do-sol ela estava sozinha com sua mãe à beira de um capão, embalando-se indolentemente em sua [222] maca de palhas de buriti e abanando o rosto e enxotando as mutucas com o cocar de penas, que havia tirado de sua cabeça. Seus companheiros vagueavam pelo campo a pouca distância. Um jaó começou e piar dentro da mata. Jupira saltou levemente da rede, tomou o arco e flechas, e embrenhou-se no capão, sem que sua mãe, que estava ocupada em esfolar um tamanduá, desse por fé daquele movimento.

O jaó é uma ave grande e excelente de se comer, mas muito arisca e difícil de se caçar.

Os índios e os sertanejos, que com eles aprenderam, empregam uma engenhosa astúcia para os atrair e apanhar. É de ordinário ao pôr-do-sol que os jaós costumam piar, vagueando pelas sombras da mata. O caçador esconde-se cuidadosamente em alguma moita junto ao lugar em que os ouve piando e começa também a piar, imitando-os com toda a perfeição. O jaó, acudindo àquele chamado, que cuida ser de algum de seus companheiros, vem se aproximando, descobre-se, e então o caçador atira-lhe ou flecha-o muito à vontade.

Jupira, que era habilíssima nesse manejo, foi se esconder e começou a responder ao jaó. Mas este, em vez de aproximar-se, ia-se afastando [223] aos poucos, e piando cada vez mais longe. Jupira, piando sempre e mudando de esconderijo em esconderijo, o foi acompanhando sem nunca conseguir avistá-lo, entranhou-se a uma

grande distância e pelo capão adentro. O sol já era entrado e as sombras do crepúsculo começavam a escurecer a floresta; Jupira, desanimada, ia já voltando, quando sentiu pelas costas mão de ferro agarrar-lhe o ombro, e uma voz medonha bradou-lhe — Jupira, agora és minha! — Era Baguari, que usara daquela negaça para atrair Jupira e arredá-la dos seus. Assim, a pobre menina, cuidando ser a caçadora, era a caça, que vinha descuidada cair nas mãos de seu feroz perseguidor.

Jupira deu um grito de terror; mas o cacique levou-lhe imediatamente a mão à boca, e nem os companheiros dela poderiam ouvi-la, na distância em que se achavam. Viu que nenhum partido poderia tirar da resistência, e procurou aplacar o seu feroz agressor.

— Espera, Baguari! — dizia ela arquejando de susto: — Não me faças mal; eu me entrego; ...mas larga-me.

— Não; tu queres enganar-me; mas é escusado; desta vez não me escaparás.

[224] — Não quero te enganar, não, Baguari. Vamos aonde está minha mãe,... ela me entregará a ti, e eu te juro que não hei de pôr dúvida nenhuma em ser tua.

— Por Tupã!... nesse laço não caio eu, minha formosa garça do Paraná. Já agora não sairás mais dos meus braços, quer tu e tua mãe queiram, quer não queiram.

— Pois bem, Baguari; sou tua; não te fugirei mais;... mas larga-me,... tu assim me sufocas... ai!

Falando assim e debatendo-se, Jupira procurava ganhar tempo a ver se seus companheiros, dando por falta dela vinham em seu socorro, ou a excogitar algum ardil para arrancar-se dos braços do seu brutal amante. Melhor porém do que ela esperava, veio o destino, ou o

céu, em seu auxílio. Pisada pelo índio, uma enorme jararaca, que dormia em uma moita de capim quase debaixo de seus pés, salta enfurecida, e enrosca-se-lhe nas pernas. O índio dá um grito de horror, sacode vigorosamente a perna, e atira longe o medonho réptil, que felizmente não o havia picado, recua em dois pulos, com Jupira nos braços, largaa no chão e investe de tacape alçado sobre a cobra, que se ia esgueirando pelo matagal [225] adentro. Jupira não perdeu um só instante; mal se viu solta dos braços do truculento cacique, enquanto este a rijos botes de tacape perseguia a cobra, mais veloz e sutil do que uma irara, desapareceu pela mata, e chegou suando e arquejante ao pé de sua mãe.

— Está morta!... — bradou triunfante o cacique. — Jupira!... Jupira!... onde estas?...

Mas Jupira já estava longe.

#### CAPÍTULO IV

[227] Quando Baguari, perseguindo Jupira, chegou ao lugar em que Jurema se achava, já era noite e os outros bugres já ali reunidos estavam, acendendo seus fogos.

— Que fizeste a Jupira, que ela me apareceu correndo e chorando, toda assustada? — perguntou Jurema a Baguari.

— Não lhe fiz mal algum, Jurema; ela é arisca e medrosa como a saracura do brejo.

— Tem medo de ti, porque não sabes animá-la. A pomba foge do carcará, que lhe fisga as unhas, mas gosta do trocás, que a beija e acaricia.

— Mas porventura sou eu algum jacaré do rio para ela fugir-me assim, e obrigar-me a negaceá-la como o jaguar que anda à espia da veada nova?...

[228] — Por essa forma, Baguari, nunca Jupira te quererá.

— Não queira, embora, há de ser minha. Para que me deu Tupã estes olhos, que enxergam mais do que os do gavião, e estes pulsos, mais fortes do que os do canguçu?...

A estas palavras ressoou por entre os outros bugres um murmúrio surdo, e alguns rosnaram palavras de indignação e de ameaça. Baguari vibrou sobre eles um olhar de fogo e sangue, e voltando-se para Jurema e sua filha:

— Está bem, — disse; — não quero mais teimar contigo, Jurema. Vou-me embora para os meus. E tu, Jupira, fica-te em paz; não te perseguirei mais. Dou-te seis luas para me esperar e ai daquele que ousar tocar-te, e ai de ti, se te entregares a algum!

De feito eram já passados dois meses, e ninguém mais via por aquelas paragens o sanhudo Baguari. Tinha realmente ido reunir-se a seus companheiros, cuja residência favorita era para as bandas de Sant' Ana do Parnaíba, próximo à junção dos dois grandes rios.

Jupira, pois, podia já passear sozinha e desassombrada, e adormecer tranquila à sombra da figueira silvestre, pelas margens do seu pátrio [229] Paraná, ela que tinha mais medo do amor de um homem do que das sanhas do canguçu, das ciladas da sucuri.

Em uma sesta ardente ela estava sozinha sentada à sombra, bem junto à margem do rio. Pendurada a um galho se via perto dela uma pequena maca, onde dormia um irmãozinho seu, que ela embalava cantando, e enxotando com um ramo os marimbondos e mutucas que

lhe esvoaçavam em torno. Espalhados pela praia, pendurados ou encostados pelos troncos viam-se armas, redes, esteiras e mais utensílios indianos, sinal de que a sua horda não devia andar por longe. De feito, Jurema e seus companheiros tinham-se entranhado pela floresta à cata de jabuticabas, araticuns, bacuparis e outras frutas silvestres de que abundam aquelas matas, e deixaram ali Jupira tomando conta do rancho e vigiando a criança.

Entretida com aquele cuidado, Jupira não viu um vulto, que na margem apostada surgiu da mata, e atirando-se ao rio o veio atravessando sereno e sem ruído, como um jacaré, mal tendo a cabeça fora d'água.

Ao aproximar-se da barranca, mergulhou, e Jupira só o viu quando, surgindo fora d'água, [230] saltou na praia perto dela. Soltou um grito de susto, cuidando ser algum monstro aquático, que a vinha devorar; porém seu terror ainda subiu de ponto, quando naquele vulto reconheceu Baguari, que se erguia ao pé dela, gotejante, gigantesco e hediondo, com os olhos vermelhos e chamejantes como duas brasas.

— Jupira, hoje é o dia! — bradou o índio, lançando-lhe as mãos.  
— Hás de ir comigo ou hei de dar-te a comer aos peixes deste rio.

Jupira, tremendo e transida de horror, deixou-se ficar muda e queda, como a corça que sentiu no cangote a garra aguçada da sussuarana.

— Vamos, Jupira!... desta vez eu te juro que não me escaparás mais.

— Sim, vamos, Baguari; — disse Jupira, voltando-se do susto e recobrando sua natural coragem e resolução. — Devo ser tua; bem vejo que Tupã me destinou para ti, e que não me é possível, por mais que faça, escapar ao teu poder.

— Ah!... enfim!... ainda bem que o conheces. Acompanha-me. Falando assim, Baguari a ia arrastando para a mata.

Preso à barranca estava uma canoa que aqueles indígenas, que já tinham alguma indústria [231] e possuíam alguma ferramenta, haviam fabricado.

— Não! para aí não! exclamou Jupira. — Minha gente não pode tardar a voltar, e ai de nós, se nos encontram! matar-nos-ão a mim e a ti!... Entremos naquela canoa, vamos para a outra banda, e fujamos para longe.

Não pareceu má a Baguari aquela proposta.

— Seja como quiseres... mas esse curumim?... disse o índio, apontando para a criança.

— Tupã tomará conta dele — respondeu a menina, apontando para o céu.

Entraram na canoa, e Jupira, para mostrar que de bom grado acompanhava o seu rougador, levou para dentro dela seu arco e flechas, e mais utensílios que lhe pertenciam. Sua intenção, porém, era precipitar-se no meio do rio, e deixar-se afogar, no caso que não pudesse matar Baguari. Chegados que foram ao meio do rio, Jupira debruçou-se sobre o bordo da canoa, como para mirar a profundidade das águas. Um forte pé de vento, que então se levantou, arrancou-lhe de cabeça e atirou no rio o bonito canitar de penas de arara, guarnecido de ouro e pedrarias, que trouxera da casa de seu pai.

[232] Uma súbita inspiração atravessou o espírito de Jupira.

— Ah! o meu canitar!... o meu canitar... — exclamou a menina, ajuntando as mãos, com mostras de grande lástima. — O meu canitar,

que eu quero tanto... lá se vai pela água abaixo!... ah!... meu Deus... espera, Baguari!... vou ver se posso apanhar.

Dizendo isto fazia gesto de quem ia lançar-se a nado.

— Espera tu aí, que eu já te trago o teu canitar.

Disse e de um salto atirou-se ao rio. Apenas se havia afastado umas quatro ou cinco braças da canoa, Jupira toma o arco, e acocha-lhe uma flecha, que foi cravar-se-lhe na espádua. O índio arrancou um rugido de dor, e afundou-se por um momento; apenas surgiu de novo à tona d'água, nova flecha voou do arco de Jupira e foi cravar-se na outra espádua do índio. Nenhuma das flechas, porém, havia penetrado muito fundo, e nem lhe tolhiam o movimento dos braços; o índio enfurecido lançou-se sobre a canoa, a qual também não sendo governada vinha rapidamente sobre ele, levada pela torrente. Quem o visse então com aquelas duas hastes emplumadas [233] sobre o dorso cuidaria ver um dragão alado arrojando-se sobre a canoa para devorar a infeliz menina. Jupira, que o esperava em pé com um feroz sorriso de triunfo, deixou-o chegar, e quando o índio enfurecido ia deitar mão ao bordo da pequena igara, descarregou-lhe com toda a força o remo sobre a cabeça e rebentou-lhe o crânio. O índio desapareceu, e foi surgir um pouco abaixo à flor da água entre uma multidão de peixes, que saltitando devoravam o sangue e os miolos que escorriam do crânio do desventurado cacique.

## CAPÍTULO V

[235] O cadáver de Baguari foi rolando longos dias à mercê da torrente do Paraná, servindo de pasto aos peixes, e de banquete e batel

a um tempo aos urubus, que sobre ele iam boiando rio abaixo, até que enfim foi encalhar em uma praia arenosa, justamente em um lugar onde, então, achavam-se arranchados os seus companheiros. Dir-se-ia que a mão do destino para ali o tangera de propósito, como para clamar vingança. Posto que já meio devorado pelos peixes, foi logo reconhecido pelos seus. Baguari, ao partir, lhes havia prometido que em menos de três luas havia de voltar com Jupira; que, se até então não aparecesse, é porque o teriam morto, e nesse caso deixava a cargo deles a sua vingança. De feito voltou, mas sem vida e sem [236] Jupira; e apenas trazendo ainda no dorso as flechas que ela lhe havia cravado, como em vida havia trazido cravadas no peito as setas, com que os lindos olhos de Jupira lhe haviam atravessado o coração.

Apenas os índios o reconheceram, soltaram grandes alaridos de dó, recolheram o cadáver em uma grande maca, teceram um torno dele danças fúnebres e deram-lhe sepultura à sombra de uma velha sucupira.

Feitas as honras fúnebres ao seu valente chefe, aqueles indígenas trataram logo de marchar pela margem do Rio Grande acima, a fim de lhe vingarem a morte. A horda de Baguari era muito mais numerosa e forte do que o bando desorganizado em que vivia Jupira, o qual constava de relíquias de hordas devastadas pelos brancos. De longo tempo em contato com os brancos, tinham perdido os hábitos belicosos, e grande parte de sua coragem e fereza selvática. Em breve chegou-lhes aos ouvidos a notícia de que a gente de Baguari marchava contra eles, a fim de vingar a morte de seu chefe. Fracos e pusilânimes, aqueles restos da família caiapó não podiam resistir aos robustos e

aguerridos Guaianases, que sobre eles vinham cheios [237] de cólera e sede de vingança, e seriam infalivelmente exterminados.

Jupira não havia ocultado aos seus a morte do sanhudo Baguari; pelo contrário, risonha e triunfante lhes narrou com toda a franqueza e ingenuidade a astúcia de que se valera para livrar-se para sempre daquele feroz pretendente. Contando como certa a sua ruína e possuídos de terror, seus covardes companheiros resolveram mandar um emissário ao encontro dos inimigos para dar-lhes satisfações e dizer-lhes que nenhuma parte tinham tido na morte de seu chefe, que fora Jupira a única autora daquele atentado, e que para aplacar sua justa cólera estavam prontos a entregar-lhes viva ou morta a criminosa. Este teria sido o destino da linda caboclinha se um de seus pretendentes, esperando assim fazer jus à gratidão e ao amor da rapariga, não a tivesse avisado da bárbara e aleivosa intenção dos seus.

Jupira e sua mãe fugiram para Campo Belo e acolheram-se à fazenda dos padres, resolvidas a nunca mais voltarem para a companhia de seus pérfidos companheiros.

Era já a quarta vez que Jupira, desde que nascera, trocava a selva pela casa paterna, e a [238] casa pela selva alternativamente. Seu pai a recebeu com os braços abertos, e sentiu grande alegria em tornar a achar a filha, na qual já há muito havia perdido as esperanças de tornar a pôr os olhos em dias de sua vida. Recolheu-a para casa e, extasiado de sua formosura e do viçoso desenvolvimento de suas esbeltas formas, deu-lhe lindos vestidos e enfeites, que ela de bom grado trocou pelo curto saiote e pelo canitar de que usava nas selvas, e empregou todos os meios, todas as carícias e seduções possíveis para fixá-la de uma vez para sempre no seio da sociedade civilizada.

Se com os trajos selváticos Jupira, por seu garbo e gentileza, fazia lembrar uma Moema ou uma Lindóia, vestida à maneira da gente civilizada era uma rapariga sedutora, capaz de alvoroçar o coração e inflamar o sangue de um anacoreta. Era alta e muito bem-feita. Os cabelos negros, corredios e luzentes como asa do anu, eram tão bastos e compridos, que a linda cabocla ainda pouco adestrada na arte de se tocar, via-se em apuros para acomodá-los sobre sua pequena cabeça, e muitas vezes, rebelando-se contra as fitas e prisões, as quebravam e tombando-lhe pelo colo se derramavam em [239] liberdade pelos nédios e morenos ombros. Os olhos um pouco levantados nos cantos exteriores eram bem rasgados, e dardejavam das pupilas negras lampejos que denunciavam o ardor de seu temperamento e uma alma enérgica e resoluta. Os lábios rubros, carnosos e úmidos eram como dois favos túrgidos de mel da mais inefável voluptuosidade, e quando se fendiam em um sorriso mostravam duas linhas de alvíssimos dentes um pouco aguçados como o dos carnívoros, e seu sorriso tinha singular e indefinível expressão de ingenuidade e de selvática fereza. A todos esses encantos, a todas essas linhas e voluptuosas formas servia como de brilhante invólucro a tez de uma cor original, um rosto acaboclado, como que dourado pelos raios do sol, que dava peregrino relevo à sua linda figura.

Quando ia à missa aos domingos, na pequena capela do seminário, todos os olhos se voltavam para a interessante cabocla, todos a contemplavam sorrindo com o mais curioso interesse e complacência. Até mesmo os seus gestos e ademanes um pouco estouvados, o ar desajeitado e constrangido, com que vergava as suas novas vestiduras, tudo nela parecia galante e encantador.

[240] Se bem que na pia batismal tivesse recebido o nome de Maria, os moradores de Campo Belo conservavam-lhe sempre o seu nome indígena de Jupira, por acharem-no mais galante e entenderem que lhe assentava melhor.

É escusado dizer que não faltaram apaixonados àquela tão sedutora quão peregrina formosura. Mas como já corria pela aldeia a história da morte do cacique, que às mãos da frágil menina pagara com a vida a sua audácia, os amantes de Jupira tinham-lhe certo respeito, e não a requestavam senão com certa timidez e reserva, se bem que nenhum deles tivesse intenção de lançar-lhe mãos violentas. Mas aquele episódio de sua vida, rodeando-a de um terrível prestígio, servia-lhe de salvaguarda e de broquel contra qualquer desacato ao seu pudor.

Entre os amantes de Jupira, o mais assíduo, ardente e apaixonado, e talvez o mais guapo, o mais rico e considerado de todos, era um mancebo por nome Quirino, filho de um abastado fazendeiro daqueles arredores. Era um rapagão alto e bem-disposto, de barba cerrada e negra, e pupila ardente e viva, em que transluzia todo o fogo de sua alma capaz de todos os extremos.

[241] Quirino amava, não como se ama na cidade, onde se namora muito e ama-se quase nada, mas como se ama no sertão, em meio da solidão, debaixo daqueles céus ardentes, no seio daquela natureza esplêndida; amava com paixão, com fogo. Quirino frequentava assiduamente a casa de José Luiz, onde cercava a rapariga de mil atenções, obséquios e adorações, sem que ela nem de leve se mostrasse sensível a tantas demonstrações de afeto, por mais que ele empregasse todos os meios ao seu alcance para ganhar-lhe o coração. A princípio

nem lhe passava pelo pensamento casar-se com uma pobre cabocla, filha de uma gentia e criada nos matos.

Porém, quanto maior era a insensibilidade e esquivança de Jupira, mais ardente se tornava a paixão do rapaz, e mais se lhe atiçava o desejo de possuí-la; estava disposto a empregar todos os meios, a fazer todos os sacrifícios para esse fim.

Como Jupira tratava todos os outros amantes com a mesma indiferença e talvez pior do que a ele, Quirino entendeu que toda aquela insensível esquivança não era senão resultado dos poucos anos e da selvática timidez e acanhamento [242] da rapariga, e esperava que de modo nenhum ela recusasse uma proposta de casamento com um moço como ele era, bem apessoado, rico e de boa família. Depois de ter lutado em vão por vencer a obstinada indiferença da menina, era aquele o seu último recurso. Uma vez casado, mais fácil lhe seria catequizá-la e ganhar-lhe a vontade e o coração.

Demais, já esse casamento não lhe parecia tão ridículo e desigual, pois Jupira era filha legítima de José Luiz; e José Luiz, empregado do seminário, tinha adquirido alguns bens de fortuna, e era homem que gozava de respeito e consideração no lugar. Quirino, pois, não hesitou por mais um instante, e foi pedir-lhe a mão de sua filha.

José Luiz acolheu com infinita satisfação a proposta do mancebo; pois não podia desejar melhor partido nem maior ventura para sua filha, e foi logo comunicar-lhe a pretensão do moço.

Ela, porém, com grande pasmo e desgosto de José Luiz, recusou-se obstinadamente à semelhante casamento. Foi debalde que José Luiz, por muitos dias, lutou com ela, empregando exortações,

conselhos, súplicas e até por fim [243] repreensões e ameaças para induzi-la a aceitar a mão de Quirino.

— Meu pai, — disse-lhe ela afinal, com um sorriso, que fez se arrepiarem as carnes a José Luiz — ninguém será capaz de dar-me um marido contra a vontade; eu já sei como a gente se livra deles, quando nos querem levar à força!

José Luiz, assombrado com aquela resposta, recolheu-se ao silêncio, e desistiu do seu propósito.

## CAPÍTULO VI

[245] Quirino enganava-se; a indiferença de Jupira por ele não era simples efeito da timidez selvática, nem da inocência própria dos verdes anos da rapariga; tinha outro motivo mais poderoso, o qual Quirino absolutamente ignorava. Para aquele temperamento de fogo, para aquela alma inflamável, aos quinze anos o amor era uma necessidade imperiosa; Jupira começava a amar outro.

O leitor há de se lembrar de Carlito, sobrinho de José Luiz, aquele menino travesso que ele pusera como sentinela a sua filha durante a sua anterior estada na casa paterna.

Carlito, que agora apenas entrava na puberdade, se bem que não fosse estudante, tinha morada no seminário, mas ia com muita frequência [246] a casa do seu tio, onde tinha entrada franca por todos os cantos, entrando e saindo à hora que lhe aprazia. Era impossível que em tão contínuo contacto com sua formosa prima não ficasse gostando dela.

Carlito, por sua parte, era um adolescente lesto, bem-disposto, e de encantadora presença. Ainda mais uma circunstância era própria para torná-lo agradável aos olhos de Jupira; era ágil e travesso como ela; tinha artelhos de aço, e corria e saltava como um gamo; trepava a uma árvore como um sagui, e nadava como uma lontra.

Foi vagueando e brincando à sombra dos laranjais em flor, ao murmúrio da fonte do quintal, que aquelas duas almas, virgens como duas pombas novas que começam a bater as asas fora do ninho, arrulharam em segredo seus primeiros amores.

Por alguns meses assim se lhes passaram rapidamente os dias no enlevo daquelas primeiras emoções de um amor virginal, naqueles eflúvios d'alma tão puros e deliciosos como exalações balsâmicas, que a brisa da madrugada levanta dentre os rosais orvalhados. Carlito amava como menino que era. Era mais a [247] febre dos desejos sensuais, que lhe agitava o sangue juvenil à vista dos sedutores encantos de sua prima, do que o coração que acordava suspirando ao sopro de uma paixão. O amor de Jupira era amor de cabocla, ardente como o sol do deserto que lhe dourava a tez, profundo como os abismos do rio onde banhava os membros infantis. Aquela que matara para se desfazer do amante importuno que odiava era também capaz de morrer de amor por aquele a quem adorasse, ou apunhalar o amante que a atraísse. Carlito, simples criança, não podia adivinhar quanta paixão havia no fundo da alma daquela menina na aparência tão indolente, tão frívola e descuidosa.

Apesar dos esforços de seu pai, Jupira nunca pudera perder de todo os hábitos de selvática liberdade em que fora criada. Saía sozinha de casa e vagava por campos e matas, caçando ou pescando,

como se fosse um rapaz, e muitas vezes, nos dias calmosos, ia sozinha banhar-se nas águas do seu querido Rio Verde, no mesmo sítio em que na infância se exercitara a fender-lhe as ondas, em um remanso límpido e profundo sobre o qual se debruçavam árvores copadas, cobrindo-o de sombra e fresquidão deliciosa. Esses [248] passeios, que seriam muito inquietadores e dariam muito o que falar em outra qualquer rapariga, em Jupira ninguém os estranhava.

Ela gozava da reputação de ter em aversão os homens, principalmente aqueles que a amavam. Essa fama, baseada no seu gênio arisco e um tanto crespo, na história do cacique que havia matado, e no uso de uma pequena faca guarnecida de prata que sempre trazia no seio, serviam-lhe de salvaguarda, e ninguém ousava atravessar-se em seu caminho quando saía às suas excursões, e, se acaso algum rapaz a encontrava pelos rincões solitários ou pelas veredas escusas da mata, tirava-lhe respeitosa e o chapéu, e seguia seu caminho.

O próprio José Luiz não mostrava inquietar-se muito com aqueles passeios de sua filha. — Quem sabe tão bem guardar-se, — costumava ele dizer, — e fazer-se respeitar por tanto tempo no meio das matas e entre os bugres bravios, que risco pode correr aqui no meio de gente cristã e civilizada?

Só havia uma pessoa que não lhe tinha medo; era Carlito. Mas esse mesmo ainda não tinha ousado ir perturbá-la em seus giros solitários.

[249] Todavia Carlito sentia um vivíssimo desejo, que não podia refrear, e era de ir espiar sua linda prima, quando ela ia banhar-se nas águas do Rio Verde. Nada lhe era mais fácil do que gozar, sem que Jupira o pressentisse, daquele espetáculo, com o qual esperava que

gozaria todas as delícias do céu e que nada mais lhe restaria a desejar sobre a terra.

Quando a viu, pois, dirigir-se para os lados do rio, o qual corria como a um quarto de légua de distância, deu uma grande volta, passou para o outro lado do rio, e foi cuidadosamente esconder-se em uma moita, donde a esteve espreitando muito a seu sabor. Daí por diante, todas as vezes que Jupira ia ao seu costumado banho, tinha sem o saber um espectador invisível, que a espreitava e cevava olhos ávidos e ardentes na contemplação de seus mais ocultos encantos.

Um dia, porém, Carlito, petulante e lascivo como um sátiro, não pode mais se conter.

— Vou aparecer-lhe, dê no que der; — murmurou consigo o rapaz. — Que mal me poderá fazer uma fraca rapariga? tenho boas pernas e braços e sei nadar e correr... e também se ela me matar, terei muito gosto em receber a morte das mãos dela.

[250] Jupira brincava descuidada no rio, ora boiando serena, ou resvalando à flor d'água em todas as posições, ora dando pulos e mergulhando como a lontra, ora espanejando-se e fazendo saltar uma chuva de aljôfares sobre sua cabeça, como a marreca silvestre a bater as asas lavando a luzidia plumagem. Eis senão quando ouve um barulho como de um corpo que caiu de golpe na água, e sumiu-se no fundo. Olhou assustada em roda de si, arredando dos olhos os cabelos ensopados, mas nada viu.

“Não pode ser senão alguma ariranha”, pensou Jupira. “Dessa não tenho eu medo. Jacaré aqui não há, que eu saiba.”

Pensando assim, a moça nadava rapidamente para a margem oposta, que era a que lhe estava mais próxima. Qual porém não foi seu

espanto, quando viu surgir diante de si a cabeça do travesso e petulante Carlito, soltando-lhe à cara uma estridente gargalhada. A cabocla deu um grito, sumiu-se de mergulho, e arrepiando carreira foi reaparecer no meio do rio, nadando rapidamente para a outra margem, onde tinha seus vestidos.

— Sossegue; não tenha susto, Jupira! — gritou-lhe Carlito. — Eu já me vou embora.

[251] Jupira voltou o rosto, e com um gesto entre irado e risonho, que tanto se podia tomar por uma ameaça como por um convite, continuou a nadar. Carlito, que era estouvado e audacioso, atirou-se a nado em seguimento dela. Mas antes que pudesse alcançá-la, já ela tinha saltado à praia, e agarrando suas roupas, não havendo tempo de vesti-las, nelas embrulhou-se às pressas, e correu a embrenhar-se no mato, soltando uns clamores, que mal se podia saber se eram gritos de terror ou risadas de prazer.

Carlito seguiu-a de perto, e um momento depois sumia-se também pelas brenhas, atrás dela.

Os mistérios que a cúpula frondente do bosque amparou com discreta sombra nos momentos que se seguiram ninguém os sabe. É certo que uma nuvem carregada tapou então a face do sol, um tufão vergou o tope dos arvoredos com pesaroso sussurro, e uma sombra sinistra toldou o álveo e límpido das águas e... no adito das brenhas ressoaram murmúrios intercidentes, beijos e suspiros abafados.

## CAPÍTULO VII

[253] Imaginem os leitores, que eu não tentarei descrever, como rápidos e deliciosos corriam os dias aos dois jovens amantes, fruindo em segredo seus furtivos amores à sombra das florestas virgens, ao murmúrio dos córregos do deserto. Vênus e Adônis vagueando pelos vergéis da Idália, Diana e Endimião pelas selvas da Tessália não gozaram momentos mais venturosos do que os nossos dois jovens sertanejos à sombra das florestas americanas.

Mas essa bem-aventurança não devia durar muito tempo, como toda aquela que provém de uma fonte impura e viciada. As portas daquele paraíso de delícias deviam ser-lhes trancadas, como foram aos primeiros pais da humanidade, que morderam o fruto vedado por expressa determinação da divindade.

[254] Carlito era leviano e volúvel como criança que era. Depois de se ter longamente embriagado de volúpia, nos braços amorosos da feiticeira cabocla, começou a sentir cansaço, a enfastiar-se, como o conviva repleto depois de uma longa noite de orgia. Pouco a pouco, e sem o sentir, ia escasseando suas carícias, e já não era tão assíduo e extremoso ao pé de sua amante. Jupira, pelo contrário, cada vez o amava com mais ardor, e seria capaz de passar a eternidade nos braços dele, sem a menor quebra na exaltação de seus afetos. Doía-lhe cruelmente no íntimo d'alma aquele resfriamento da paixão do moço; mas Jupira não sabia queixar-se, nem chorar.

Quantas vezes ia ela ao aprazível remanso do Rio Verde, onde costumava banhar-se, sítio favorito de suas furtivas entrevistas, e ali ficava largo tempo sentada com a mão na face, a olhar para o fundo

límpido do rio, a esperar em vão pelo remisso e frouxo amante que não vinha!

Uma tristeza mortal lhe pesava sobre o coração, e cansada de esperar, voltava para casa com a frente baixa e a passos vagarosos.

— Que tens, Jupira?... o que estás cismando assim tão triste?... disse-lhe Carlito um [255] dia em que a encontrou naquela triste postura, pensativa, à beira do rio.

— Ah! Carlito! Carlito!... por que razão não me queres mais bem?...

A rola viúva não saberia gemer com mais tristeza do que Jupira suspirou aquela magoada queixa.

Carlito, comovido, caiu em si, e sentiu acudir-lhe lágrimas aos olhos.

— Eu não te querer mais, meu bem? quem te disse isso?...

— Quem me disse!?!... ainda me perguntas?... estas árvores, este rio, este céu que nos cobre, tudo está vendo que não sou mais querida...

Carlito, não sabendo o que responder-lhe, abraçou-a, e procurou abafar-lhe a voz com beijos.

— Deixa-me, Carlito! Jupira já não é mais tua, — murmurou ela, esquivando-se aos beijos de Carlito.

Os olhos de Jupira desataram uma torrente de lágrimas. Era a primeira vez que chorava em dias de sua vida, desde que deixara de ser criança.

As lágrimas que borbotavam ardentes e copiosas dos olhos de Jupira escaldavam as faces de Carlito, mas bem depressa se estancaram, e os [256] olhos da cabocla reluziram secos e cintilantes

como os da jararaca enfurecida; passou pelos lábios ressequidos a língua fina e rubra, soltou um sorriso convulso, amargo, indefinível, e disse:

— Quando não me quiseres mais bem, me fala; ouviste, Carlito?...

— Quando é que hei de deixar de te querer bem?... Jupira, por quem és, não me fales assim.

— Como não hei de falar?... torno a repetir, quando não me quiseres mais, fala, Carlito.

— Então podes ficar certa de que nunca te hei de dizer nada.

— Sim?... Por quê?

— Porque nunca hei de deixar de te querer.

— Isso é de boca... teu coração diz o contrário... bem estou vendo..., não será necessário que me digas nada... mas quero ver ainda mais, e depois...

— E depois o que, Jupira?

— Estás vendo esta faca? disse a cabocla, tirando do seio e desembainhando a lâmina luzente e afiada de sua pequena faca.

— Jupira!...

— Não estás vendo? — continuou Jupira com [257] um tom de glacial indiferença, que fez estremecer o rapaz. — Acho que a folha desta faca é bastante comprida para chegar-me ao coração, e ao teu também, Carlito.

Carlito, que estava sentado ao pé dela, pôs-se em pé de um salto.

— O que é isso? — exclamou aterrado. — O que me dizes, menina?...

— Não te assustes, meu Carlito, — disse a cabocla com um sorriso de inexplicável expressão, e tornando a meter no seio a faca. — Cuidas já que quero matar-te?... não sou tão má como isso... Tu é que queres matar-me com tuas ingratidões.

— Mas quantas vezes queres que eu jure que nunca, nunca te deixarei?...

— Tens razão... perdoa-me... eu sou uma doida... Vem, Carlito; vem sentar-te outra vez ao pé de mim...

O beijo da reconciliação soou entre suspiros. Os dois amantes enlaçaram nos braços um do outro, e alguns momentos depois se retiraram, por lados diversos; Jupira melancólica e abatida, Carlito aterrado e apreensivo.

Jupira ainda não conhecia toda a extensão do seu infortúnio; não sabia a que ponto chegava [258] a ingratidão e aleivosia de seu volúvel e leviano amante. Carlito tinha travado um novo relacionamento, que o ia fazendo esquecer sua encantadora prima. Uma formosa menina loura e branca como uma açucena, filha de uma pobre mulher que vivia de lavar a roupa do seminário, tinha-lhe cativado... não o coração, porque esse era leve e livre como o vento; tinha-lhe cativado os olhos. Rosália era uma criança de treze para quatorze anos, uma flor quase em botão. Carlito tornou-se seu assíduo adorador, e com tal habilidade soube se haver, que em breve tempo tinha conquistado o coração da menina. Tendo sorvido a fartar o aroma ativo e inebriante da magnólia das florestas, queria aspirar também o delicado perfume do lírio dos jardins. Era um formidável conquistador, que se estava preparando na pessoa do pequeno sertanejo, um D. Juan dos sertões.

Não pode ficar oculta por muito tempo a Jupira a nova afeição e a deslealdade de seu primo. A pequena povoação de Campo Belo, se povoação se podia chamar, composta de alguns agregados, que viviam na dependência do seminário, constava apenas de um muito limitado número de casinhas, dispersas aqui e acolá, pelo suave e [259] descampado lançante de uma colina, ao pé da qual corria um pequeno córrego. Da casa de Jupira, portanto, se avistava perfeitamente a de Rosália, onde ela viu por diversas vezes entrar e sair o seu amante. O zelo entrou-lhe no coração como uma lava incandescente e devastadora. O abatimento e a tristeza em que vivia converteram-se em raiva e desesperação. Naquela mulher, que amava tanto e com todas as forças de uma alma ardente e impetuosa, o ciúme devia produzir terríveis explosões.

Mais por medo que lhe ia tomando e por dissimular sua inconstância, do que por satisfazer a um desejo do coração, Calito não deixava de procurar sua prima. Carlito ficou assustado à vista dos lampejos torvos e sinistros que viu luzirem nos olhos de Jupira, num dia em que a foi visitar em sua casa; pareciam relâmpagos que se desprendiam do seio de uma nuvem negra e tempestuosa. A cada momento cuidava ver luzir-lhe na mão o terrível punhal que lhe havia mostrado à beira do Rio Verde.

— Que tens, Carlito, que estás assim com os olhos espantados? — disse a cabocla com um sorriso de mofa e de desdém. — Ainda estás com medo de mim?...

[260] — Eu, com medo de ti?!... mas pareces que estás zangada comigo?...

— Se estou!... Carlito!... não zombes comigo assim, que me matas... ou eu te mato...

— Mas o que é isso então?... que mal te fiz eu, Jupira?...

— Olhem o inocente!... o que é que vais fazer tantas vezes em casa da Genoveva?...

— Ah!... é só isso?... costume ir lá sempre, isso não é de agora.

— Mentira!... nunca te vi lá ir.

— Eu mentir?!... para que, Jupira!... — disse Carlito em tom de desdém.

— Para que?!... Então, se gostasses de Rosália, não me enganavas?...

— Ora, deixa-te dessas idéias, menina; — disse Carlito em tom de gracejo, querendo meter à bulha o negócio, para disfarçar a perturbação e o embaraço em que se achava. A Rosália é uma boa menina, com quem estou acostumado a brincar desde criança, e a mãe dela me quer muito bem. Vou lá patuscar com elas e tomar café com biscoitos, que a tia Genoveva faz muito bem feitos.

— Café com biscoitos! e por que não o vens tomar aqui, como costumavas?...

[261] — Ora! — replicou o rapaz, esforçando-se ainda por gracejar. — Os biscoitos da Rosália... digo, da tia Genoveva são tão doces...

— Carlito! — bradou a rapariga, levantando-se de um salto do tamborete em que tava sentada, e com os olhos faiscantes. — Carlito, tu zombas de mim?

O rapaz recuou aterrado; mas depois sentiu que era vergonha ter medo de uma mulher.

– Que tens hoje que estás bravinha, caboclinha do meu coração?... disse ele, procurando ainda zombetear.

Jupira, enfurecida como a boicininga que foi pisada, agarra-lhe num braço, morde-o e enterra-lhe os agudos dentes com toda a força, até esguichar sangue. Carlito deu um grito horrível, e saiu correndo porta afora.

– Arre!... que dor! que dentes, meu Deus do céu!... – ia murmurando o rapaz, e saltaram-lhe dos olhos lágrimas de dor.

De feito, para um primeiro arrufo, uma dentada daquelas não era má estreia, e fazia pressagiar para o segundo um braço quebrado, e para o terceiro uma punhalada.

## CAPÍTULO VIII

[263] Jupira, em sua cólera, era bela e sublime, mas bela e sublime para inspirar um artista, e não para despertar o ardor e ameigar o coração do amante, que começa a arrefecer-se. Sua palidez era como a do mármore encardido; os olhos fuzilavam revérberos cor de sangue; a boca espumava, e os lábios e as narinas lhe tremiam convulsivos. Reinava em seu todo um imperioso, feroz, que fazia medo.

À indiferença e enfado que Carlito começava e sentir por Jupira vinha agora juntar-se também o medo, para mais arredio e esquivo torná-lo. Todavia esse mesmo medo fazia com que ele a procurasse mais vezes do que desejava, mas com toda a precaução e reserva, temendo mais alguma explosão de seu furioso ciúme, e tratasse [264] daí em diante de ocultar o mais possível suas entrevistas com Rosália.

Quirino tinha-se retirado para a fazenda de seu pai, triste, acabrunhado, porém ainda não de todo desanimado. A repulsa de Jupira ainda mais lhe avivara a chama que o devorava. Aquela boca feiticeira da cabocla, que prometia um paraíso de volúpias, os contornos daqueles ombros, daquele talhe, tão bem boleados; aqueles olhos negros, cujo brilho profundo era um pouco velado por pálpebras languidamente descaídas, aqueles seios redondos, que lhe arfavam sob a camisa como duas rolinhas arquejantes arrulando de amor em seu ninho; tudo isso a todo momento se lhe estava pintando na imaginação com as mais sedutoras e vivas cores, escaldando-lhe o coração e ferver-lhe o sangue, em frenéticos anelos de volúpia e de amor. Não pode suportar a ausência por muito tempo, e voltou a Campo Belo decidido a envidar os últimos esforços, a tentar o último sacrifício para alcançar o objeto de seus ardentes desejos.

Jupira desta vez acolheu Quirino com mais brandura, e ouviu suas queixas sem se enfadar; ou porque já sabedora de quanto é doloroso o [265] dissabor que provém de um amor mal correspondido, se compadecesse do mancebo; ou porque quisesse punir Carlito com pena de talião, correspondendo ou fingindo corresponder ao amor de Quirino; ou talvez porque, no estado de angústia e perturbação em que se achava, gostasse que alguém lhe falasse e fizesse diversão às ânsias de seu coração. Quirino criou alma nova e encheu-se de esperanças.

— Bem dizia eu! — pensava ele consigo. — Era uma criança arisca e medrosa e nada mais; mas isso não podia durar sempre... já vai chegando à fala; não tardará muito a cair-me nos braços.

Jupira já não podia duvidar da deslealdade de Carlito. Todavia ainda algumas dúvidas lhe pairavam por vezes no espírito; era uma

ligeira sombra de esperança que a triste afagava em seu coração; desejava convencer-se por seus próprios olhos, queria uma prova bem positiva da aleivosia de Carlito. Se, em seus amores, era livre como a brisa do deserto, consideração nenhuma a podia tolher nos violentos acessos de seu feroz ciúme. Como a onça esfaimada rodeia e espia o nédio e tenro veado, que descuidado vagueia por bosques e campinas, até lançar-lhe as garras, [266] assim Jupira espiava com olhar cioso todos os passos de seu volúvel amante, acompanhava-o sem ser vista, conhecia-lhe o rasto, e em seu instinto selvático quase que o farejava.

Carlito bem o pressentia, e por mais desvios que procurasse, por mais que tentasse ocultar seus passos, não podia escapar às vistas penetrantes, ao instinto adivinhador de sua ciosa amante. Esta espionagem o fatigava e aborrecia, dando lugar a queixas e arrufos quotidianos, e quando se achavam juntos, em vez de se afagarem e beijarem-se como outrora, não faziam senão brigarem, arranharem-se e morderem-se como dois gatos do mato.

Esse constrangimento em que o temível ciúme de Jupira colocava o pobre rapaz, ainda mais lhe atiçava o desejo de estar com sua alva e meiga. Rosália. Posto que sua afeição pela cabocla estivesse quase de todo extinta, não sei por que ela exercia sobre seu espírito um poderoso e terrível ascendente, e ele, ainda que com medo e repugnância mesmo, vinha sempre rojar-se aos pés dela. Dir-se-ia que ela tinha o poder de fascinar como a cobra.

Já havia quatro ou cinco dias que Carlito não fazia uma visita a casa de Genoveva e não [267] via Rosália, com medo de Jupira, que o espreitava lá de sua janelinha, ou lhe seguia a pista sutil e sorrateira como a jaguatirica. Por fim não pode mais ter-se, e rebelando-se

resolutamente contra aquele aperreamento em que vivia, encaminhou-se franca e impavidamente para a casa de Rosália.

— Não faltava mais nada! — ia ele rosnando pelo caminho. — Eu ter medo daquela caboclinha, como se fosse minha mãe ou minha senhora moça!... nada! quer tomar-me à sua conta!... está enganada; — nem tão bobo sou eu, que me deixe alinhavar como o cacique que ela matou... não me mete cucas... porventura ela é minha mulher para me proibir que eu esteja com a coitadinha da Rosália! ao menos ela não anda de faca e nem tem dentes de onça para morder a gente. Hei de ir vê-la, quer Jupira queira, quer não. Se quiser ver, veja; se não quiser, não me ande espiando.

Fazendo estas reflexões, Carlito entrava em casa de Rosália muito ancho e senhor de si. Jupira o viu; sem mais demora meteu no seio a [268] sua faquinha prateada e, com os olhos em chama e batendo os dentes como o javardo em furor saiu e correu a casa de Genoveva. Era esta um pequeno rancho, cuja frente constava unicamente de uma sala com uma porta e uma janelinha. Nesta sala, sentados em um banco, se achavam Carlito e Rosália, enquanto a mãe descuidada lavava roupa na fonte do quintal. Jupira chegou sutilmente e sustendo a respiração, para não ser pressentida, avizinhou-se à janela e olhou para dentro. Enlaçados em um delicioso abraço, os dois amantes beijavam-se em um beijo sem fim, e tal era o seu enlevo que não deram fé da chegada de Jupira. Esta mal deu com os olhos naquele interessante espetáculo levou subitamente a mão ao coração, como se o sentisse atravessado por uma facada, abafou um grito, e ficou por um momento hirta, pálida, imóvel. Depois levou a mão ao seio e apalpou a faca, mas hesitou e abanando a cabeça:

— Não! não! — murmurou; — ainda não!... mais tarde.

E deitou a correr para casa. Lá foi dar desabafo à violência da dor e da raiva que a torturavam, e os mais atrozes planos de vingança lhe tumultuavam no espírito. Ter-lhe-ia [269] sido fácil matá-los a ambos, mas isso não a satisfazia. Queria fazer Carlito sofrer muito e por muito tempo dores horrorosas do corpo e da alma, insultá-lo, esbofeteá-lo, cuspir-lhe no rosto, antes que morresse, e depois apunhalar-se sobre o seu cadáver. Entregue a um turbilhão de ideias, que se atropelavam em seu espírito, indecisa, arquejante, louca, ora percorria a casa a passos precipitados, ora se debruçava sobre o leito, arrancando soluços convulsos e chorando lágrimas de sangue.

Nesta terrível agitação a veio achar Quirino, que entrava pela porta adentro. Ao vê-la com as feições transtornadas, os olhos macerados e injetados de sangue, os seios ofegantes, o olhar torvo e desvairado, Quirino recuou de espanto.

— Meu Deus! — exclamou ele, — o que lhe terá acontecido, que a vejo tão alterada!

— Ah! o senhor está aí, moço...

— Desculpe-me, se está incomodada, eu vou-me embora.

— Incomodada!... não... não estou; mas... estou com uma raiva... disse a cabocla encrespando os punhos e trincando os dentes.

— Raiva?!... de quem?... será de mim, meu Deus!...

[270] Jupira não sabia ocultar, nem disfarçar os tempestuosos transportes de sua alma ardente; sentia mesmo necessidade de desabafar a sua cólera, e foi dizendo tudo, sem reboço nem preâmbulos.

— Do senhor?! não; — replicou a cabocla; — é de um atrevido, de um malvado que me desfeiteou...

— Quem foi esse atrevido?... diga, diga já, que quero ir castigá-lo neste instante...

A cabocla fitou em Quirino um olhar firme e penetrante, como quem queira devassar-lhe o fundo da alma, e perguntou-lhe:

— Moço!... o senhor me quer bem, mesmo como tantas vezes me tem dito?

— Ainda pergunta?!... não é possível querer-se mais bem do que eu lhe quero.

— Pois bem! é chegada a ocasião de mostrar, que é deveras que me quer bem.

— Sim, formosa Jupira?... quer dar-me esse gosto?... o que quer que eu faça?... fale... aqui estou às suas ordens como o mais humilde de seus escravos!... disse Quirino, pondo-se de joelhos nos pés da cabocla.

— Então está pronto a fazer o que eu mandar?...

[271] — Pronto! pronto sempre, linda Jupira; não há impossível a que não me arroje por seu amor.

— Jura?

— Juro.

— Pois bem; escute; o senhor conhece o Carlito, não conhece?

— Se conheço!... muito; desde criança.

— Pois saiba que foi ele quem se atreveu a desfeitear-me.

— Deveras!... o Carlito? aquele fedelho, aquele biltrezinho?... que atrevido!... vou já puxar-lhe as orelhas e esfregá-lo a cachações.

– Arrancar-lhe o coração, e beber-lhe o sangue é o que eu queria... mas escute, moço; eu preciso dizer-lhe toda a verdade; eu queria muito bem àquele menino...

– Queria-lhe bem?... deveras, Jupira?... ah!... por que razão não me falou isso há mais tempo?

Quirino soltou um gemido abafado.

– Como, se nem eu mesmo sabia? replicou-lhe a moça; empreguei bem mal o meu amor... mas não se aflija, moço; se era grande o amor, maior é o ódio que hoje lhe tenho. Tinha vontade de ver varado a facadas aquele maldito, [272] e pisá-lo debaixo dos pés... ah! se eu pudesse virar-me em onça para estrafegá-lo entre meus dentes e chupar-lhe todo o sangue do coração!... mas o senhor quer o meu amor?... quer que eu seja sempre sua?...

– Ah! não me pergunte; para tê-la um só instante nos meus braços eu daria mil vidas que tivesse.

– Não é preciso que perca a vida; basta tirá-la a outro.

Quirino estremeceu e fez um gesto de horror; espantava-o ver em tão tenra idade aquela fria ferocidade e sede de vingança.

– Tem medo, moço?... ah! pensei que era homem...

– Medo, eu?... fale, Jupira; o que quer que eu faça?

– Pois não me entende?...

– Talvez não; fale claro, disse o mancebo ainda duvidando do que estava ouvindo.

Jupira tirou tranquilamente a faca que tinha no seio e a apresentou a Quirino.

– Carlito me desfeiteou, me traiçou, e eu não tive e nem sei se terei ânimo de o matar... entretanto quero que ele morra. Sou uma

fraca mulher; o pulso do homem é mais firme e certo. [273] Não pode morrer por minha mão, vá ao menos minha faca beber-lhe o sangue.

Quirino olhava espantado para a cabocla sem saber responder-lhe.

— Não tem ânimo?... — disse ela resolutamente; — então adeus, moço; não me apareça mais aqui...

— Mas Jupira! — disse o mancebo hesitando — eu... não sei... matar uma pobre criança!... é uma barbaridade... oh! isso nunca!

— Ah!... é assim que me quer bem? que me importa!... se o senhor não tem ânimo, não faltará quem o mate, e ele há de morrer mesmo, e eu nunca hei! de ser sua.

— Nunca! Ah! Jupira! Jupira! que palavra cruel! moça!... ah... não me ponha a perder... eu perco o juízo!

— Vai ou não?

— Jupira!...

— Eu juro que hei-de ser sua, sua para sempre, moço.

— Jupira!...

— Hei de amá-lo tanto como odeio a Carlito.

— Jupira! ...ai!... eu perco a cabeça...

— Vá, vá; eu juro que hei de ser sua; vá... [274] e tome este beijo em penhor de que hei de cumprir a minha palavra.

Jupira enlaçou o braço ao colo do mancebo, e imprimiu-lhe na boca seus lábios nacarados e ardentes. Aquele beijo alucinou-o, exaltou até ao delírio a sua paixão; foi como um filtro sutil e fatal, que coou-lhe até o mais íntimo d'alma, e nela vazou todo o ódio, ferocidade e sede de vingança de que a cabocla se achava possuída, acabando com toda a sua indecisão.

— Dá-me, dá-me essa faca!... — exclamou Quirino, e arrebatando a faca da mão de Jupira saiu precipitadamente.

## CAPÍTULO IX

[275] Na noite desse mesmo dia Quirino foi procurar Carlito e o convidou para uma pescaria em canoa no Rio Verde, na manhã do dia seguinte, que era um domingo. Carlito, que muito gostava desse gênero de divertimento, no outro dia bem cedo já estava pronto, à espera do companheiro, com seus anzóis preparados e algumas provisões de boca para passarem o dia no mato e sobre as águas. Saíram ambos, a manhã estava magnífica; os passarinhos faziam ouvir pelos pomares a mais festiva algazarra; o sino da capela repicava alegremente, derramando ecos sonoros por aquelas aprazíveis deveras.

O Rio Verde coleando através dos vargedos, parecia uma luzente cobra de escamas de esmeralda, espreguiçando-se à luz do sol formoso das solidões. Pelas diversas veredas da colina viam-se diversos grupos de famílias camponesas com seus vestidos domingueiros de garridas cores, encaminhando-se para o seminário, para ouvirem as missas e as práticas dos padres santos, que assim chamava a gente do sertão aos padres da congregação.

Carlito sentia o coração pular-lhe no peito cheio de vida, animação e alegria. Tinha acabado de assistir à missa matinal, onde estivera extasiado a contemplar e a trocar olhares expressivos com a meiga e formosa Rosália, e só essa lembrança era como um perfume que o embevecia nas mais suaves emoções.

Não assim Quirino que, com o espírito turbado por sombrios e sinistros pensamentos, parecia um réprobo, que traz na fronte o selo da condenação eterna, e debalde se esforçava por ocultar a angustiosa agitação de sua alma. Encaminhavam-se rio acima, para um lugar chamado Olaria, onde o rio, depois de atravessar em carreira pressurosa os mais risonhos chapadões, refletindo à flor do campo todo o esplendor daquele céu deslumbrante, como para descansar de suas correrias pelas campinas vem espreguiçar-se sereno em um extenso e profundo [276] remanso, à sombra de duas alas de frondentes e viçosos capões.

Chegados à beira do rio, os dois pescadores desprenderam uma pequena canoa, que ali estava agarrada com um cipó a um tronco da margem. Quirino tomou na praia uma grande e pesada pedra e a colocou dentro da canoa.

— Para que essa pedra? — perguntou Carlito.

— Esta canoinha é muito doida, Carlito; esta pedra é para fazê-la calar mais um pouco na água, e não virar com a gente.

Soltaram a canoa e a tangeram rio abaixo pelo remanso de que falamos. Carlito preparou o seu anzol e o lançou na água. Estava em pé, no meio da canoa; com a vara em punho e os olhos fitos no rio. Por detrás dele Quirino, assentado à popa, manejava o remo. Quem os visse então, havia de notar o extremo antagonismo que havia na expressão daquelas duas fisionomias. Carlito, com o olhar tranquilo, que revelava a placidez de sua alma tão serena como a torrente mansa sobre que resvalava, tinha a atenção presa aos movimentos da linha de seu anzol, e um meio sorriso, como uma satisfação íntima lhe pairava pelos lábios. Quirino, com os olhos torvos e espantados, olhava com inquietação, ora

para uma, ora para outra margem; ora apalpava a faca e fitava o olhar sinistro e desvairado sobre o adolescente que estava diante dele, ora deixava por instantes cair a fronte sobre o peito, em profundo abatimento. Seu espírito debatia-se entre os estertores da mais violenta e angustiosa luta.

Aquele mocinho tão novo, tão esbelto e garboso, com a alma tão serena, tão cheia de risonhas visões e doces sonhos de esperança; aquela criança descuidosa, que nenhum mal lhe fizera, que a ele se abandonava com tão sincera e ingênua confiança, ter de cair vítima do seu punhal, ir servir de pasto a esses mesmos peixes que procurava atrair ao seu anzol, e com que esperava regalar-se!... O coração do mancebo fraquejava e tinha ímpetos de arrojá-lo ao rio a faca que lhe dera Jupira e dizer ao seu companheiro: — fuja, Carlito, fuja; um grande perigo aqui nos ameaça!

Mas para logo surgia ante o seu espírito a linda e voluptuosa imagem de Jupira, que como o anjo do mal conjurava todos aqueles escrupulosos impulsos.

O beijo de fogo, que lhe dera, ardia-lhe ainda nos lábios, e lhe fervia no coração como um [277] filtro peçonhento que lhe queimava o sangue, e lhe escaldava o cérebro em delírios de volúpia. — Oh! pensava ele ainda contemplando com olhos cheios de inveja e de ciúme as esbeltas e bem talhadas formas e o encantador semblante do imberbe adolescente; — oh! este menino!... este menino!... e ela o amava!... por mais que diga que o odeia, esse ódio não pode durar muito... e no fim de contas, se eu o poupar... quem sabe... será ele o feliz amante, que há de vir a gozar de todos aqueles mimos, que eu há tanto tempo cobiço com todo o ardor de minha alma!... oh! não? mil vezes não! já agora,

Jupira, ainda que te arrependas mil vezes, ainda que venhas me pedir de joelhos por ele, tem de morrer! é preciso absolutamente, que eu te livre a ti e a mim desse rapazinho que estorva a nossa felicidade... eia! ânimo!... antes que se arrependa...

E a canoa vinha suavemente resvalando à mercê da torrente serena; Carlito, com semblante plácido e risonho, em pé com a vara na mão, refletindo na água límpida do rio os contornos de sua gentil figura, cismava nos sorrisos e beijos de Rosália, à espera que o peixe lhe viesse morder no anzol, e por detrás dele hirto, medonho, sombrio, o vulto de Quirino com a faca em punho se ia erguendo sinistra e vagarosamente.

## CAPÍTULO X

Jupira passara a noite entre penosas insônias e sonhos pavorosos, entregue à mais horrível agitação. Apenas adormecia via a figura de Quirino com os olhos torvos e abrasados, hirtos os cabelos, e nos lábios um feroz sorriso de triunfo, com as mãos e o punhal banhados no sangue de Carlito, vir correndo a ela pedir-lhe o cumprimento de suas promessas. Outras vezes era Carlito que lhe aparecia pálido, triste, abatido, com um punhal cravado no coração, e que com voz dorida vinha acabrunhá-la com o peso de maldições e terríveis imprecações. Mil outras hediondas visões se atropelavam em seu espírito, e os remorsos torturavam-lhe o coração.

[278] Mal despontou a primeira barra do dia que ela ansiosamente esperava, ergueu-se e quis sair; mas seu pai tinha o costume de guardar cuidadosamente todas as chaves das portas de fora, e foi-lhe forçoso esperar, na mais angustiosa impaciência, que

despertasse e se levantasse. Apenas pôde sair, foi direta correndo a casa onde Quirino costumava hospedar-se. Já não estava em casa; soube que tinha saído ao romper do dia.

— Ai de mim! — disse ela na mais extrema aflição; — Deus sabe o que terá acontecido... meu Deus!... meu Deus!... será já tarde!

Dali correu imediatamente ao seminário, onde Carlito morava. Um criado disse que tinha saído muito cedo, e que não sabia para onde tinha ido.

— Ai! meu Deus! meu Deus! que será dele!... desgraçada de mim! — saiu a menina exclamando na maior consternação, e dali se foi sempre a correr a casa de Genoveva. Esta e sua filha acabavam de chegar da missa, e perguntando-lhes Jupira se não tinham visto Carlito.

— Esteve conosco ainda agora, lhe disseram, na missa da madrugada, e nos disse que dali ia para o Rio Verde passar o dia e pescar com o Sr. Quirino, que estava junto com ele.

Com esta notícia a aflição e angústia da rapariga subiram ao último ponto, cobriu-se de palidez mortal, cambaleou, e foi preciso encostar-se à parede para não ir ao chão.

— Para que banda foram eles, perguntou ela ainda com ar tão inquieto e perturbado que surpreendeu as duas mulheres.

— Foram para a banda da Olaria, — respondeu Genoveva; — mas o que tens, minha filha, que estás tão assustada?... aconteceu alguma coisa?...

Sem nada responder, com grande espanto das duas mulheres, Jupira de um salto pôs-se da parte de fora, e lá se foi a correr para o lado da Olaria, que distava dali quase meia légua.

Dirigiu-se para o remanso, onde esperava encontrá-los, penetrou pela estreita ourela de mato que bordeja o rio naquela paragem, e chegou à borda esbaforida, desgrenhada e torva como uma onça malferida. Lançou os olhos pelo rio acima, e viu a canoa boiando serena pela torrente abaixo, em meio dela Carlito em pé com [279] seu anzol na mão pescando tranquilamente, e por detrás dele Quirino com a faca alçada... Súbita vertigem cobriu-lhe os olhos de uma nuvem cor de sangue, e antes que ela pudesse soltar um grito, a faca tinha descido três vezes sobre as costas da infeliz vítima, que sem soltar um ai caiu de bruços no fundo da canoa golfando sangue aos borbotões.

Através da caligem que lhe turvava os olhos, Jupira viu aquela horrível cena como em um pesadelo, bateu palmas, e deu um grito, antes um uivo horroroso, com os braços em tremor convulsivo estendidos para o céu.

Quirino assustado olhou rapidamente para aquele lado; mas depois que reconheceu Jupira:

— Está satisfeita? — bradou de longe mostrando a faca ensanguentada, e apontando para o fundo da canoa, onde jazia o cadáver de Carlito estrebuchando e vomitando sangue.

— Bravo! bravo!.. muito bem! — gritou a cabocla, com um sorriso de infernal ironia. — Agora venha! venha depressa receber o prêmio...

— Espera lá ainda, minha Jupira; preciso dar sepultura a este desgraçado...

Falando assim, Quirino desatava da cintura uma forte e comprida cinta de duas voltas, que trazia de propósito, destinada a atar

ao pescoço de Carlito a pedra, que pusera na canoa, e atirá-lo ao fundo do rio.

— Ainda não, moço!... espera.... traze-o cá... quero vê-lo ainda uma vez... coitado... era tão bonitinho!...

Quirino, ainda que um tanto receoso de qualquer fatal contingência, não ousou replicar-lhe; aquela mulher exercia um ascendente irresistível sobre aqueles que a amavam. Quirino tocou a canoa para a margem.

Jupira contemplou muda, por alguns instantes, o cadáver de seu infeliz amante com os braços cruzados, os olhos em brasa, engolindo lágrimas e soluços, que ninguém poderia dizer se eram de furor ou de angústia, de dó ou de terror, de remorso ou de desesperação, porque era de tudo ao mesmo tempo.

— Está satisfeita comigo? — perguntou o mancebo olhando para ela com terror e desconfiança.

— Oh! muito! muito! — respondeu-lhe com um sorriso satânico, — agora pode entregar-me a minha faca.

Quirino assombrado restituiu-lhe a faca ensanguentada.

— Bem! podemos agora dar sepultura a este pobrezinho, disse apontando para o meio do rio, e entrando para a canoa.

Quirino tangeu-a para o meio do rio.

— Olha, moço! continuou ela com os olhos fitos no cadáver; — não era tão lindo o meu Carlito!... oh! muito!... muito lindo!... quero dar-lhe ainda um beijo... não tenha ciúmes, moço... é um derradeiro adeus.

Jupira abaixou-se sobre o cadáver que estava de bruços, afogado em sangue, voltou-o de costas, e cobriu-lhe os lábios e as faces

de ardentes e repetidos beijos. Transido de assombro e de terror, Quirino contemplava aquela cena.

Quando ela levantou-se com os lábios, as faces e o colo manchados no sangue de Carlito, estava hedionda!... Quirino horrorizado estava quase a lançar-se ao rio. Mas ela imediatamente ameigando a voz, e abrindo-lhe os braços:

— Agora sou tua, — disse, — abraça-me!

Quirino arrojou-se aos braços dela com o frenesi de uma paixão louca, que o levara a praticar o mais vil e hediondo assassinato. Mas [280] ao mesmo tempo que a ia apertando contra o peito, a faca de Jupira lhe ia atravessando o coração, e nas vascas da morte ele ouvia uma voz rouca e sinistra rosnar-lhe ao ouvido estas palavras:

— Morre também, vil matador! eu não te quero...



Dois dias depois encontrou-se boiando, já a uma légua de distância, uma canoa sem ninguém que a governasse, mas tripulada por uma multidão de urubus, que disputavam entre si os restos de dois cadáveres.

Quanto a Jupira, sumiu-se, e nunca mais se soube ao certo o que foi feito dela.

Passados tempos, uns caçadores encontraram em uma grotta no seio de uma mata profunda o esqueleto de uma mulher pendurado a uma árvore por um cipó. Presume-se com muita probabilidade que era Jupira que se havia enforcado.



FICHA TÉCNICA

**Coordenação geral:** Júlio França e Oscar Nestarez

**Coordenação de pesquisa:** Daniel Augusto P. Silva

**Revisão textual:** Amanda Marinho e Arthur Dias Fontes

**Preparação:** André Azevedo de Alvarenga, Larissa Adur, Rosane Velloso e Sora Maia Souza

**Design gráfico e redes:** Renata Luz e Ana Giulia Mussury

**Tênebra**

Biblioteca digital de  
narrativas obscuras  
brasileiras

